

*Quem pensa em fazer o Brasil
ser um país de ouro.*



CARVALHO

Economia **Contas correntes: bom sinal**

A queda, para 3,04% do PIB, do déficit em conta corrente do balanço de pagamentos em janeiro e fevereiro – depois de as contas externas terem fechado em 1997 com um déficit em conta corrente de 4,16% do PIB – foi uma boa notícia para o governo. Tanto mais agradável quanto se sabia que os investidores estrangeiros estavam vendo com alguma reserva o crescimento constante do déficit nas contas externas. É igualmente importante registrar que as entradas de capitais estrangeiros foram em valor maior do que o déficit e as amortizações da dívida externa, deixando um superávit que permitiu elevar as reservas internacionais para US\$ 58,78 bilhões. Se os capitais continuarem entrando nesse ritmo, é provável que no fim deste mês as reservas estejam no mesmo nível de agosto do ano passado.

O déficit em conta corrente – que nos dois primeiros meses de 1997 havia sido de US\$ 4,0 bilhões – caiu para US\$ 3,7 bilhões no mesmo período de 1998. O fato mais importante, porém, é que ele vem diminuindo progressivamente desde janeiro, o que permite supor que se está diante de uma tendência duradoura. Para que se possa fazer projeções para um prazo mais longo, é preciso ver quais foram as causas dessa melhora.

Os dados divulgados não deixam dúvidas: foi a redução do déficit da balança comercial que alterou o quadro. Com efeito, dos dois componentes principais das transações correntes – balança comercial e serviços –, o primeiro acusou no bimestre uma nítida melhora em relação ao mesmo período de 1997, enquanto os serviços acusaram um aumento de 10,5%.

Tudo indica que o desempenho da balança comercial continuará a melhorar nos próximos meses: as exportações man-

têm-se em volume e valor elevados, enquanto as importações acusam uma redução. Em termos de valor das importações, a redução dos preços do petróleo tem favorecido o Brasil.

A posição do Brasil é menos confortável quando se examina a questão dos serviços, em boa medida porque nem tudo o que se compreende na rubrica “serviços” está sob controle brasileiro. Os juros da dívida externa são o elemento mais importante da balança de ser-

viços e devem crescer este ano por causa do aumento da dívida externa e da alta das taxas de juro. Esses fatos aconselham prudência na análise dos resultados

positivos da captação de recursos externos.

Sem dúvida, era importante reconstituir as reservas; o problema é que não se pode lançar mão apenas de empréstimos externos, pois, a rigor, só os investimentos diretos trazem tranqüilidade. Nos dois primeiros meses do ano, eles cobriram 58% do déficit em conta corrente. Essa participação precisa aumentar.

A conta “serviços” apresenta um dado que indica uma melhora nas contas gerais do País: a redução das remessas de lucros e dividendos. É possível que essa queda continue, embora se trate de operações sobre as quais o governo não pode intervir.

Os gastos com viagens internacionais acusaram uma redução no bimestre: as despesas foram de US\$ 850 milhões contra US\$ 911 milhões no mesmo período de 1997. É quase certo, todavia, que com a Copa do Mundo os gastos com viagens voltarão a crescer.

As amortizações da dívida no bimestre foram de US\$ 2,101 bilhões. Esse gasto foi facilmente coberto por investimentos diretos e empréstimos de longo prazo, o que é um fato altamente positivo.

**Os investidores
estrangeiros
continuam
manifestando
confiança no
Brasil**

14 MAR 1998

ESTADO DE SÃO PAULO